

Ex-diretor geral do INCA assume Divisão Cirúrgica do HC I

Desde novembro de 2004, a Divisão Cirúrgica do HC I é chefiada pelo médico Walter Roriz. Antes de assumir o cargo, Roriz, doutor e livre docente em Cirurgia Torácica pela UFRJ, foi diretor geral do INCA entre 1986 e 1990, chefe de gabinete da gestão passada e responsável pela programação científica da Seção de Tórax. Atualmente, além de chefe da Divisão Cirúrgica, ele é coordenador dos programas de ensino médico no HC I, inclusive da Residência Médica.

Abdômen divulga casos clínicos no site

Desde fevereiro, casos clínicos selecionados da Seção de Cirurgia Abdômino-Pélvica do HC I estão disponíveis no site do INCA no acesso *Profissional de Saúde*. O objetivo principal é oferecer uma educação continuada aos ex-residentes do Instituto, para que estes mantenham o contato com a Instituição. Para Jurandir Dias, chefe da Seção, profissionais sem vínculo com o INCA também terão acesso ao conteúdo. “A cada mês discutiremos um caso da rotina do setor e que seja incomum na literatura médica”, explica. Futuramente este canal servirá para a discussão de casos clínicos de outras instituições.

HC II conta com Núcleo de Acreditação

Desde 10 de janeiro, funciona no HC II o Núcleo de Acreditação e Humanização, sob a responsabilidade de Mário Ferreira e subordinado à Assessoria de Gestão da Qualidade do INCA. As atividades desenvolvidas são a revisão das normas técnicas e administrativas, a reavaliação dos indicadores existentes para verificar os mais relevantes, o mapeamento dos processos do Hospital e o apoio ao projeto de Humanização do INCA na unidade. Coordenar, em conjunto com o Grupo Facilitador, o desenvolvimento do plano de ação decorrente do diagnóstico da Acreditação realizado no final de 2004 também faz parte da rotina do setor.

DESTAQUES

Natação: paixão de infância

Natação. Este é o esporte favorito da economista Márcia Pinto, da Divisão de Avaliação em Saúde da CONPREV. A paixão se materializou na travessia aquática do Forte de Copacabana ao Leme, no Rio de Janeiro, em novembro de 2004. A prova, cujo percurso foi de 3,8 quilômetros, contou com 4.300 inscritos, entre mulheres, homens e deficientes físicos. O evento marcou a abertura para o calendário do XV Jogos Pan-americanos, que serão realizados em 2007 na cidade.

Segundo a atleta amadora, que participa de competições de natação desde criança, a maior dificuldade na travessia não foi a distância do trajeto, mas sim a temperatura da água, em torno dos 14 graus.

Márcia condiciona a sua rotina de treinamento ao calendário de provas estipulado anualmente pela Federação Aquática do Estado do Rio de Janeiro (FARJ). Para se preparar para as competições, a economista gasta o horário de almoço dando braçadas na piscina. Ela também não descuida da alimentação. “As minhas refeições costumam ser

ricas em proteínas e carboidratos e sem gordura. Só não consigo abrir mão do chocolate”, diverte-se.

Márcia revelou também que, segundo o Comitê Olímpico Brasileiro, há possibilidade de que a travessia de Copacabana seja incluída na programação do próximo Pan-americano, graças ao gosto popular pela modalidade e ao sucesso da última edição.

Além de toda essa maratona diária entre o trabalho no INCA e as competições, a economista ainda cursa doutorado em Saúde Pública, na FIOCRUZ, na área de economia da saúde. ■



Márcia com a medalha de participação da travessia aquática do Forte de Copacabana ao Leme.



O Carnaval mobilizou os pacientes pediátricos do INCA. Eles participaram entre 31 de janeiro e 4 de fevereiro de uma oficina para a produção de instrumentos musicais com materiais inusitados. A criatividade resultou em pandeiros de tampinhas de refrigerante e chocalhos de arroz e sementes de milho. A garotada ainda criou máscaras de papelão e de acetato e fez trabalhos de colagem com serpentina e desenhos referentes ao Carnaval.

Além disso, no dia 3 de fevereiro, foi realizada uma festa para as crianças internadas e as ambulatoriais na sala de recreação do 11º andar do prédio da Praça Cruz Vermelha. Durante a comemoração, os pacientes brincaram com serpentinas e ainda cantaram e dançaram marchinhas de Carnaval. “Os pacientes infantis e seus acompanhantes vivenciam uma realidade tão difícil, que é importante proporcionarmos a eles momentos de descontração como esse”, diz William Duarte, voluntário responsável pela atividade de recreação infantil no HC I.